

A PRÁTICA EDUCATIVA NO MOVIMENTO SOCIAL “LEVANTE POPULAR DA JUVENTUDE”: NARRATIVAS DE PARTICIPANTES

Guilherme Ribeiro Miranda dos Santos
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB
guirms1@gmail.com

Nilma Margarida Castro Crusóe
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB
nilcrusoe@gmail.com

Resumo: O presente artigo é resultado de pesquisa em andamento que analisa as práticas educativas do Movimento Levante Popular da Juventude a partir das narrativas de participantes na cidade de Vitória da Conquista-BA. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, com base na fenomenologia sociológica de Alfred Schutz. Foram revistados três militantes, um de cada setor da organização. Conclui-se que a participação no Movimento social Levante Popular da Juventude possibilita que os integrantes estejam imersos em práticas educativas não-formais apreendidas nas atividades organizadas pelo Movimento, como atos de reivindicação, reuniões, formações políticas, acompanhamento por parte de militantes mais velhos, vivências, entre outras coisas, a partir de relações intersubjetivas que se estabelecem entre os participantes.

Palavras-chave: Levante Popular da Juventude. Movimentos sociais. Práticas Educativas.

Introdução

Os movimentos sociais sempre trouxeram um fascínio tanto para estudiosos das ciências sociais quanto para os sujeitos que deles participam. Não existe consenso quanto ao conceito de movimentos sociais, muito porque a conjuntura econômica, política e social de cada época influenciam sobremaneira nas táticas de ações e nas bandeiras de luta, fazendo com que os movimentos, que como o próprio nome já diz, fujam de uma certa lógica estática de classificação.

Do ponto de vista das práticas educativas dos movimentos sociais, elas são reconhecidas no artigo 1^o da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Básica e podem ser muito bem explicitadas por Gohn:

Nos movimentos sociais a educação é autoconstruída no processo e o educativo surge de diferentes fontes, a saber:

- 1) Da aprendizagem gerada com a experiência de contato com fontes de exercício do poder.
- 2) Da aprendizagem gerada pelo exercício repetido de ações rotineiras que a burocracia estatal impõe.
- 3) Da aprendizagem das diferenças existentes na realidade social a partir da percepção das distinções nos tratamentos que os diferentes grupos sociais recebem de suas demandas.
- 4) Da aprendizagem gerada pelo contato com as assessorias contratadas ou que apóiam o movimento.
- 5) Da aprendizagem da desmistificação da autoridade como sinônimo de competência, a qual seria sinônimo de conhecimento. O desconhecimento de grande parte dos “doutores de gabinete” de questões elementares do exercício cotidiano do poder revela os fundamentos desse poder: a defesa de interesses de grupos e camadas (GOHN, 2005, pp. 50-51).

Desse modo, ao entender que a prática educativa de um movimento social é construída no processo de atuação e organização política é que o presente trabalho se debruça sobre as práticas educativas do movimento Levante Popular da Juventude, com base em narrativas de participantes, tendo como perspectiva metodológica a fenomenologia sociológica de Alfred Schutz (1979) e da análise de conteúdo com base em AMADO *et al* (2013).

Teoria dos movimentos sociais e o Levante Popular da Juventude

Por muito tempo o movimento social foi visto por estudiosos de viés marxista, se não como sinônimo, mas como prerrogativa da classe trabalhadora, do operariado organizado em sindicatos, quando das disputas com os proprietários dos meios de produção por melhores

¹ “Art. 1^o A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais” (BRASIL, 1996).

condições de trabalho, diminuição da jornada, aumentos salariais, contra o trabalho das crianças, entre outros. (GOSS; PRUDÊNCIO, 2004).

Tal abordagem fundada no paradigma marxista, uma das primeiras no estudo dos movimentos sociais, trazia o conceito de movimento social sempre associado ao de luta de classes e subordinado ao próprio conceito de classe, que tinha centralidade em toda análise. Como decorrência, os movimentos eram analisados como reformistas, reacionários ou revolucionários (GOHN, 2014, p. 28).

Entretanto, essa influência não dava conta de explicar mobilizações que surgiam no âmbito de movimentos que ocorriam no campo e nos bairros populares a partir dos anos 1950, em que parte dessas classes não estava diretamente envolvida com a produção fabril. Também tinha limitações quanto à análise desses “novos sujeitos” envolvidos nessas mobilizações. (GOSS; PRUDÊNCIO, 2004).

Surge, então, uma segunda corrente teórica, a culturalista-identitária, a qual possui diversas influências que abarcam desde o idealismo kantiano, o romantismo rousseauiano, as teorias utópicas e libertárias do século XIX, o individualismo nietzschiano às abordagens da fenomenologia e as teorias da sociologia weberiana, a escola de Frankfurt e a teoria crítica de uma forma geral (GOHN, 2014, pp. 29-30). Nesta segunda corrente teórica se encaixa a teoria dos Novos Movimentos Sociais².

Uma terceira corrente, denominada por Gohn (2014, p. 30) de institucional/organizacional-comportamentalista, desenvolveu-se basicamente nos Estados Unidos, mas tem muitos adeptos na Europa. Nesta corrente, de certa forma, um movimento atingia seus objetivos quando se transformava numa organização institucionalizada. A perspectiva é que os movimentos possuam um forte vínculo com as estruturas estatais.

Touraine (*apud* GOHN, 2014) elenca três elementos cruciais para se constituir um movimento social: o ator, seu adversário e o que está em jogo no conflito. As categorias

² A teoria dos Novos Movimentos Sociais parte do pressuposto de que esses novos movimentos cumprem um papel de pressão social, de luta não contra a existência do Estado, mas sim pela melhoria dos problemas sociais de cada realidade. Disso se conclui que o mundo do trabalho perde a centralidade nos embates entre organizações políticas e o Estado e os patrões. A TNMS eleva ao patamar da luta política as reivindicações de segmentos sociais não abordadas pelas correntes histórico-estruturalistas, tais como os movimentos de mulheres, de negros, o da diversidade sexual, estudantil, ambientalista, pela paz, indígena entre outros. Tem como principais expoentes Alberto Melucci, Jürgen Habermas e Alain Touraine (ALONSO, 2009; GOHN, 2014).

Identidade, Oposição e Totalidade “fornecem o paradigma que descreve analiticamente o campo de conflito, que é, portanto, compreendido em termos relacionais” (GOHN, 2014, p. 93).

Nunes (2013) identifica que, apesar das diferentes concepções acerca dos movimentos sociais, é possível detectar consenso em torno de características que seriam próprias de um movimento social:

A primeira delas é a mobilização coletiva, identificada e explicada de diferentes formas nas diversas teorias dos movimentos sociais: comportamento coletivo, ação coletiva, redes, ação conjunta ou coordenada, etc. A segunda é reivindicar ou propor mudanças, ou seja, intervir na realidade social, com algum nível de organização. Evidencia-se, também, um caráter não institucional na ação efetivada, em alguma medida. Finalmente, a ação coletiva, para ser considerada movimento social, deve apresentar alguma continuidade temporal (NUNES, 2013, p. 257).

Na obra “Movimentos sociais e redes de mobilizações no Brasil contemporâneo” Gohn cria uma tipologia e intenta mapear os protagonistas que emergem no cenário nacional focalizando três eixos de atuação: 1) Os movimentos e ações de grupos identitários que lutam por direitos sociais, econômicos, políticos, e, mais recentemente, culturais, protagonizados pelas mulheres, afrodescendentes, indígenas, jovens e idosos, imigrantes, deficientes físicos, camponeses, etc.; 2) Movimentos e organizações de luta por melhores condições de vida e de trabalho, no urbano e no rural, que demandam acesso e condições para – terra, moradia, alimentação, saúde, transportes, lazer, emprego, salário, etc.; 3) Os movimentos globais ou globalizantes como o Fórum Social Mundial. São lutas que atuam em redes sociopolíticas e culturais, via fóruns, plenárias, colegiados, conselhos etc. Estas lutas são também responsáveis pela articulação e globalização de muitos movimentos sociais locais, regionais, nacionais ou transnacionais. (GOHN, 2010, pp 12-14).

Ainda, ela aglutina este leque diferenciado de atores coletivos em quatro sujeitos sociopolíticos, e eles se articulam nas redes, a saber: a) Os movimentos sociais – considerados como categorias empíricas (podendo ser localizados territorialmente); b) As ONGs, entidades assistenciais e entidades do mundo empresarial articuladas pelo chamado Terceiro Setor; c) Os fóruns, plenárias, articulações nacionais e transnacionais; d) Conselhos gestores de projetos,

programas ou políticas sociais. São ativos sociais pelo papel que desempenham no jogo político democrático (GOHN, 2010, p. 40).

A partir de então ela agrupa os movimentos em três grandes blocos: o dos movimentos sociais propriamente ditos, o das redes de mobilizações compostas por associações de várias naturezas, incluindo as ONGs e os conselhos institucionalizados que atuam na esfera pública estatal, sendo que esses movimentos se organizam a partir de dez eixos: 1) Movimentos sociais ao redor da questão urbana; 2) Movimentos em torno da questão do meio ambiente urbano e rural; 3) Movimentos identitários e culturais: gênero, etnia e gerações; 4) Movimentos de demandas na área do direito; 5) Movimentos ao redor da questão da fome; 6) Mobilizações e movimentos sociais da área do trabalho; 7) Movimentos decorrentes de questões religiosas; 8) Mobilizações e movimentos rurais; 9) Movimentos sociais no setor de comunicações; 10) Movimentos sociais globais (GOHN, 2010, p. 40).

O Levante Popular da Juventude é um movimento social que como o próprio nome diz, reivindica para si bandeiras de lutas históricas da juventude brasileira, intitulada como

[...] uma organização de jovens militantes voltada para a luta de massas em busca da transformação da sociedade. SOMOS A JUVENTUDE DO PROJETO POPULAR, e nos propomos a ser o fermento na massa jovem brasileira [...] (LEVANTE POPULAR DA JUVENTUDE, 2012a).

No ano de 2016, o Levante lançou a Cartilha I - Escola Nacional de Formação Política do Levante Popular da Juventude “Emerson Pacheco³” (LEVANTE POPULAR DA JUVENTUDE, 2016) na qual sistematiza os primeiros passos da criação do movimento. O que antes era feito através de relatos dos primeiros militantes ou de parcas relatorias agora está sendo minimamente registrado. É com base nesta cartilha que traçaremos um panorama do histórico do Movimento.

O Levante surgiu a partir de uma articulação engendrada pela Via Campesina⁴ e pela Consulta Popular⁵ no ano de 2005, no Rio Grande do Sul. Antes disso, os movimentos que fazem

³ Emerson Pacheco foi um militante do Levante Popular da Juventude assassinado em Fortaleza, em 2015 (LEVANTE POPULAR DA JUVENTUDE, 2015a).

⁴ Articulação internacional de movimentos populares que atuam no campo, da qual fazem parte centenas de movimentos do planeta, tendo como maiores expoentes no Brasil o MST (Movimentos dos Trabalhadores e das Trabalhadoras Sem Terra), MPA (Movimento de Pequenos Agricultores), MAB (Movimento de Atingidos por

parte da Via Campesina viram a necessidade de fazer trabalho de formação política de sua juventude, especialmente pela necessidade de renovar o quadro de militantes das organizações e também por compreender que a juventude daria continuidade ao trabalho iniciado nas décadas de 80 e 90.

Concentrado no Rio Grande do Sul de 2005 até 2012, o Levante Popular da Juventude decidiu expandir suas ações para o país todo, num processo que o Movimento chamou de nacionalização, organizando em fevereiro de 2012 o seu I Acampamento⁶ Nacional do Levante Popular da Juventude, na cidade de Santa Cruz do Sul – RS, sendo este o marco considerado como de fundação do movimento a nível nacional. Neste I Acampamento participaram 1200 jovens de 17 Estados do país, tendo como fruto uma Carta Compromisso, a qual demarca as bandeiras de luta do movimento.

A pretensão do Levante é organizar a juventude a partir de três campos de atuação: 1) no meio estudantil secundarista e universitário; 2) nas periferias dos centros urbanos e 3) nos setores camponeses (LEVANTE POPULAR DA JUVENTUDE, 2012a). Nos setores camponeses, a proposta é organizar a juventude dos movimentos da Via Campesina. A estrutura básica de funcionamento do Movimento são as células, as quais

são o núcleo fundamental da organização. Elas são formadas por “pequenos grupos de jovens que se ligam por afinidade territorial, laboral, de curso ou escola. Esse método proporciona que ocorram encontros mais rápidos e frequentes devido à semelhança da rotina dos integrantes, além de possibilitar uma maior participação na tomada de decisões, e uma potencialização da execução dos encaminhamentos” (ARAUJO, 2013, p. 31).

Barragens), CPT (Comissão Pastoral da Terra), MMC (Movimento das Mulheres Camponesas), PJR (Pastoral da Juventude Rural), dentre outros.

⁵ A Consulta Popular é uma organização surgida em 1997 que aglutina “militantes de movimentos sociais que não aceitavam a lógica da política imposta pela esquerda eleitoral, que gradativamente foi rebaixando seu programa e se contentando com a perspectiva de serem apenas gerentes da máquina administrativa” (CONSULTA POPULAR, 2012).

⁶ Acampamento é o nome que se dá aos encontros nacionais, estaduais e municipais do Levante (LEVANTE POPULAR DA JUVENTUDE, 2012b).

O Levante Popular da Juventude possui seus setores (Mulheres, Negros e Negras e Diversidade Sexual e Gênero) e Coletivos (Comunicação, Formação Política, Finanças e Agitação e Propaganda – AgitProp), que se reproduzem a nível nacional, estadual e municipal.

Os setores constituem um espaço de aprofundamento do debate feminista, anti-racista, anti-homofóbico, protagonizado pelos próprios sujeitos dessas opressões. Os setores devem ter uma atuação tanto de âmbito interno à organização, no sentido de afirmar as pautas referidas no interior do movimento, como de âmbito externo, ou seja, voltada para incidir na sociedade através dessas bandeiras de lutas. Os setores devem estar vinculados às coordenações e não devem ser entendido como instâncias. [...]Os coletivos reúnem os militantes responsáveis por determinadas tarefas estruturais e transversais que demandam certa especialização, tais como a Comunicação, a Formação e a Agitação e Propaganda. Tais coletivos tem a responsabilidade de avaliar e planejar ações nos seus eixos de atuação. Os coletivos devem estar vinculados às coordenações e não devem ser entendido como instâncias. (LEVANTE POPULAR DA JUVENTUDE, 2012b, pp. 5-6).

Em 2012, o movimento lançou a campanha 3PE (Projeto Popular para Educação), sistematiza em uma cartilha (LEVANTE POPULAR DA JUVENTUDE, 2012c), em que se propôs a fazer trabalhos nas escolas e universidades sobre o projeto de educação mais adequado aos anseios da juventude brasileira.

Após breve descrição do Levante Popular da Juventude pode-se dizer que na tipologia de classificação dos movimentos sociais proposta por Gohn (2010), o Levante é um movimento social que luta por direitos sociais, econômicos, políticos e culturais da juventude e, ao mesmo tempo, luta por melhores condições de vida e de trabalho, no urbano e no rural. Ainda, apesar de sua atuação junto à juventude da Via Campesina, tem se configurado como um movimento urbano (uma vez que, em relação às células camponesas, cumpre apenas o trabalho de articulador e formador de base social para a Via) e identitário (por preconizar a luta em favor dos direitos da juventude brasileira).

Práticas educativas no Levante Popular da Juventude

Concebemos a prática educativa do Levante Popular da Juventude como uma prática construída intersubjetivamente, pois “o mundo da minha vida diária não é de forma alguma meu mundo privado, mas é, desde o início um mundo intersubjetivo compartilhado com meus semelhantes, vivenciado e interpretado por outros; em suma, é um mundo comum a todos nós” (SCHUTZ, 1979, p. 159). A partir dessa noção, coloca-se como fundamental conhecer as pessoas dentro de seu contexto social e da ação social que exercem, no caso, as vivências e ações coletivas do Levante Popular da Juventude.

Schutz nos dá, também, a chave para compreender a ação dos indivíduos em grupos sociais. Para ele,

O significado subjetivo que o grupo tem para os seus membros consiste em seu conhecimento de uma situação comum e, com ela, de um sistema comum de tipificações⁷ e relevâncias⁸. Essa situação tem a sua história, da qual participam as biografias dos membros individuais; e o sistema de tipificações e relevâncias que determina a situação forma uma “concepção relativamente natural do mundo” comum (1979, p. 82).

Compreende-se que o indivíduo encontra no grupo conforto e está mais livre e disposto a seguir as regras de comportamento comuns a todos a partir de um “conjunto de receitas de hábitos, costumes, normas, etc., mais ou menos institucionalizados, que os ajudam a viver em harmonia com seres e semelhantes pertencentes à mesma situação” (SCHUTZ, 1979, p. 82).

Schutz segue dizendo quanto à participação em grupos sociais:

Nossa descrição vale tanto para: a) grupos “existenciais” com os quais compartilho uma herança social; e b) os chamados grupos voluntários, que eu formo ou aos quais me associo. No entanto, existe a diferença de que, no primeiro caso, o membro individual se encontra dentro de um sistema de tipificações, papéis, posições e status pré-constituído, e não estabelecido por ele, dado a ele como herança social. No caso de grupos voluntários, porém, esse sistema não é vivenciado pelo membro individual como ready-made; ele tem de ser construído por membros e por isso sempre envolve um processo dinâmico de evolução. No início, somente alguns dos elementos da situação são comuns; os outros têm de

⁷ “Refere-se ao modo pelo qual as diversas experiências sociais se conformam com base num modelo anteriormente estabelecido” (CASTRO, 2012, p. 55).

⁸ Trata-se de tipificações que são estabelecidas a partir de valores compartilhados intersubjetivamente em um determinado contexto social.

ser produzidos através de uma definição comum da situação comum (1979, p. 83).

No primeiro caso, temos o fato de o indivíduo estar imerso na sociedade, compartilhando seus valores e relações intersubjetivas de maneira difusa, é a educação informal em si; no segundo caso, cujo exemplo pode ser o próprio Levante, onde os indivíduos constroem relações a partir dos objetivos estabelecidos claramente pela organização coletiva. Todo ser humano faz parte dos dois grupos, ainda que, no segundo caso, ele não perceba.

Levando-se em consideração que “o meio tipificador *pur excellence*, através do qual o conhecimento social é transmitido, é o vocabulário e a sintaxe da linguagem cotidiana” (SCHUTZ, 1979, p. 96), a pesquisa empírica é o fundamento pelo qual se buscou identificar a história dos sujeitos que compõem o Levante Popular da Juventude em Vitória da Conquista, as motivações que os levaram ao engajamento político e as práticas educativas do movimento a partir de suas narrativas. Para isso, recorreremos aos elementos da análise de conteúdo⁹ para identificar categorias teóricas que surgiram a partir das narrativas e desenvolvê-las para compreender as práticas educativas do Movimento.

Perguntado sobre se é possível identificar alguma prática educativa dentro do Levante, o militante Carlos (35 anos, setor de negros e negras) nos informa que “as formações políticas que são realizadas pelo Levante Popular da Juventude é uma (*sic*) forma também de prática educativa que muitas vezes não se vê dentro das escolas e universidades”. Já a militante Olga (21 anos, setor de diversidade sexual e gênero), quando indagada sobre as relações do Levante com outros movimentos da cidade, nos diz que “a grande maioria desses movimentos acaba se limitando muito ao espaço acadêmico, e às suas teorias. E eu acho que isso é algo que difere completamente da nossa proposta”, e complementa dizendo que o que a mantém no movimento “é a gente sair, mesmo a gente tando (*sic*) no espaço da universidade assim como em outro espaço, a gente sair da teoria pra poder ver a prática”.

⁹ [...] o aspecto mais importante da análise de conteúdo é o facto de ela permitir, além de uma rigorosa e objetiva representação dos conteúdos ou elementos das mensagens (discurso, entrevista, texto, artigo, etc.) através da sua codificação e classificação por categorias e subcategorias, o avanço (fecundo, sistemático, verificável e até certo ponto replicável) no sentido da captação do seu sentido pleno (à custa de inferências interpretativas derivadas ou inspiradas nos quadros de referência teóricos do investigador), por zonas menos evidentes constituídas pelo referido “contexto” ou condições de produção. (AMADO et al, 2013, pp. 304-305).

A narrativa do/a militante acaba por identificar a formação política como um tipo de prática educativa que contribui para compreender melhor o mundo que o/a cerca, possibilitando inclusive estabelecer relações que abrangem o círculo particular do movimento. Aqui, é possível perceber que os militantes passam por processo de formação política que os ajudam a desenvolver ações que reconfiguram relações coletivas dentro e fora do Movimento. Em outras palavras, a formação política é uma das práticas educativas mais importantes que lhes preparam para a participação ativa em sociedade (FREIRE 1980).

Nesse sentido, o Levante Popular da Juventude atualmente está em processo de construção de sua estrutura básica de formação política e de avaliação dos seus processos educativos (LEVANTE POPULAR DA JUVENTUDE, 2016). Tais propostas perpassam por quatro eixos fundamentais: 1) Quem somos – resgata o histórico do Levante e os seus objetivos; 2) Em que mundo vivemos – aborda o debate sobre a constituição da sociedade capitalista e a formação do povo brasileiro; 3) Como nos organizamos – é o método de trabalho de base do Levante; e 4) Como lutamos – táticas de agitação e propaganda e instrumentos de luta. A formação política pode ser expressa a partir da seguinte síntese, disponível na Cartilha I Escola de Formação Política do Levante Popular da Juventude “Emerson Pacheco” (2016):

A formação política no movimento popular não se reduz a um espaço formal, a um curso. Não concebemos a formação de um militante apenas pelo seu tempo de estudo. Ao contrário, a formação é um processo integral que envolve diferentes aspectos e experiências, como os cursos, os processos de lutas, as contradições de vida, a vivência dentro da organização, o estudo individual e muitas outras coisas. Aprendemos esse método com os movimentos do campo popular. Por isso, a formação política é sempre um processo coletivo, pois como dizia o educador Paulo Freire: “Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os seres humanos se educam entre si, mediatizados pelo mundo”. Todas essas experiências coletivas permitem a um militante compreender sobre o mundo em que vive, ter clareza dos objetivos e da estratégia do movimento, fortalecer sua convicção política, ter capacidade de desenvolver o processo de organização, formação e acompanhamento com outras pessoas e também formular e levar adiante iniciativas de luta.(LEVANTE POPULAR DA JUVENTUDE, 2016, p. 4).

Essa parceria entre o Levante e o CEPIS corresponde ao que Gohn diz sobre a construção das experiências formativas a partir da “aprendizagem gerada pelo contato com as assessorias

contratadas ou que apoiam o movimento” (2005, p. 50). Constata-se, portanto, que o Levante parte de uma concepção ampla de formação política, a qual não se limita apenas a cursos ministrados ou a educação formal, mas que compreende também os espaços de vivência do movimento, as lutas e as ações de agitação e propaganda como fundamentais na construção da prática educativa e do processo de conscientização dos jovens.

Toda ação pedagógica ou práticas formativas só podem ser entendidas como tal se estas tiverem respaldo na relação concreta junto ao cotidiano, à “vida prática” (SCHUTZ, 1979). Esta relação só se dá efetivamente se levarmos em conta a interação existente, a qual não se dá ou se desenvolve ao acaso; ela parte do princípio da experiência vivenciada por cada pessoa e por todas elas ao mesmo tempo, em espaços de coletividade.

Para Margarida, por exemplo, “nas lutas a gente sabe que existem processos socioeducativos, porque a gente aprende muito ao construir um ato, ao organizar um ato, ao agitar determinada pauta, ao dialogar com a população pra discutir determinado assunto”. Para Carlos, “o Levante também me ensinou como ir para a luta”. As experiências formativas do movimento podem ser percebidas em uma série de narrativas. Compreendendo a “luta” como organização e diálogo com a sociedade, em que a organização se coloca para reivindicar alguma pauta ou protestar contra determinado fato que prejudique os interesses de uma dada coletividade, é possível perceber que nas lutas aprende-se a formar-se a auto formar-se.

A experiência se torna formativa porque, além de trazer o elemento da formação política, também conforma o campo da unidade entre teoria e prática e possibilita que os militantes compreendam o sentido de estar engajado no movimento social. Desse modo, percebe-se o desenvolvimento qualitativo das dimensões comportamental, intelectual/cognitiva, emocional, socioambiental. A luta, enquanto um tipo de experiência formativa do levante, possibilita o desenvolvimento da maturidade, da responsabilidade coletiva. Provoca, assim, o sentido de pertencimento que não se restringe apenas ao movimento, mas abrange-se identificando toda a classe trabalhadora como este grupo social amplo às quais as práticas educativas do Levante Popular da Juventude deve se respaldar.

Reforçando o exposto Olga acredita que com a luta “a gente consegue [...] se aproximar da sua própria realidade, se aproximar do cenário que você vive”. Indagada sobre o que significa o

Levante na sua vida, Margarida diz que “significa uma luta maior, uma luta pela transformação social, pela revolução brasileira”. A experiência da luta ganha contorno que vai desde um processo a ser realizado num dado tempo e lugar específicos, como também ganha dimensão histórica que supõe algo ainda não existente, mas que, incorporado à prática educativa ganha caráter de alternativas possíveis e necessárias.

Para Olga, “quanto maior for a sua convivência com o movimento, acho que maior é a formação que você vai criando”, e segue dizendo que o “Levante me ajudou a conhecer muita gente”, ou seja, formar-se politicamente e estabelecer contatos, aproximações, aprendizagens a partir da participação no Movimento. A vivência e participação nas atividades do Movimento são fundamentais no processo de formação política. Esta maior convivência com o movimento dialoga com o que Schutz diz a respeito do ambiente de comunicação comum:

Estar relacionado a um ambiente comum e estar unido com o Outro numa comunidade de pessoas – são duas proposições inseparáveis. Não poderíamos ser pessoas para os outros e nem mesmo para nós próprios se não pudéssemos encontrar com os outros um ambiente comum como contrapartida da conexão intencional de nossas vidas conscientes. Esse ambiente comum é estabelecido pela compreensão que, por sua vez, se fundamenta no fato de que os sujeitos motivam-se reciprocamente em suas atividades espirituais (1979, pp. 160-161).

Experiências vivenciadas em um “ambiente comum” possibilitam o fortalecimento de laços de convivência e formação permanente motivando reciprocamente os militantes do movimento. Carlos nos diz que as “reuniões são fundamentais para a discussão da conjuntura; debatemos de acordo com a conjuntura municipal, estadual, nacional e sempre tentando trazer para a gente esses problemas e com isso ir para lutas”. Olga nos informa que é preciso “compreender todo o cenário atual e político [...] que faz com que você crie os argumentos pra que aquele ato exista”.

Percebe-se nas falas que o Levante projeta seu planejamento e pauta suas ações a partir da análise que faz da conjuntura, mas numa relação de interação ininterrupta entre os sujeitos e suas subjetividades. Esta é outra experiência formativa que leva cada militante a se sentir pertencente e construtor do movimento e, ao mesmo tempo se identificar como semelhantes em qualquer lugar do país. A partir da experiência de análise de conjuntura (ou análise das contradições), os

militantes desenvolvem a capacidade de pensar e intervir autonomamente na realidade em que vivem, mas sem perder de vista a coletividade. Identifica-se, portanto, que a prática da análise de conjuntura se apresenta como método ou prática educativa que busca corresponder às necessidades reais dos jovens militantes, mas também das demais juventudes as quais o Levante Popular da Juventude estabelece interações.

Nas palavras de Schutz (1979) estas interações partem da percepção de que,

O mundo da minha vida diária não é de forma alguma meu mundo privado, mas é desde o início, um mundo intersubjetivo compartilhado com meus semelhantes, vivenciado e interpretado por outros; em suma, é um mundo comum a todos nós. A situação biográfica única em que me encontro dentro do mundo em qualquer momento de minha existência é apenas, numa escala muito pequena, feita por mim próprio. Sempre me encontro dentro de um mundo historicamente dado que, tanto quanto mundo da natureza quanto como mundo sócio-cultural, existe antes do meu nascimento e vai continuar a existir depois da minha morte. Isso significa que esse mundo não é só meu, mas é também o ambiente de meus semelhantes [...] (pp. 159-160).

Tais relações desenvolveram em Olga, por exemplo, o sentimento de maturação e de clareza de objetivos para a vida. Ela afirma: “eu me organizar faz com que pelo menos o pensamento, a transformação do pensamento da nação, da sociedade que a gente quer fazer, a gente consiga conquistar”. Nesta narrativa, ela remete o fato de que a experiência de se organizar no movimento, possibilita que ela organize, também, seu pensamento e sentido sobre que tipo de sociedade se deseja dentro do Movimento e qual tipo de sociedade deseja para si e para o mundo.

Outro elemento que se desenvolve a partir das práticas formativas do movimento é a consciência individual e coletiva. Olga nos diz que “a ideia é que a gente sempre esteja garantindo aquele nivelamento das consciências dentro do movimento, e a construção de uma consciência coletiva”. A abordagem sobre consciência a que recorre Olga se refere, constitui-se um dos objetivos centrais das práticas educativas do Levante. Por isso a importância das experiências formativas.

Todavia atuar coletivamente no exercício da *consciência em movimento* (IASI, 1999) requer uma disposição mútua dos militantes, em que as motivações estejam pautadas num sentimento comum, intersubjetivo, de “construir” um mundo melhor não só para mim, mas

também para e com meus semelhantes (SCHUTZ, 1979). Para o Levante esse processo se dá através da organização política em que coloca a formação e as experiências formativas numa perspectiva de contribuir para o permanente protagonismo da juventude, seja no movimento, seja na sociedade em geral.

Dessa forma, compreendendo o desenvolvimento da consciência como um processo dinâmico, temos por certo que as práticas educativas apreendidas no Movimento em muito contribuem para a percepção que estes militantes têm da realidade na qual estão inseridos, e mais do que isso, da importância de que esta consciência seja coletiva, compartilhada com o outro.

As experiências formativas do Levante também trabalham o caráter pedagógico do cuidado com o outro. Para Carlos, “os militantes mais velhos têm o maior respeito com quem chega para conhecer o movimento, o maior cuidado, têm aquela preocupação de passar uma boa formação”. A ideia de cuidado está concatenada com o que diz Schutz:

Vamos chamar o relacionamento face a face, no qual os parceiros estão conscientes um do outro e participam simpaticamente das vidas um do outro, não importa quão curta seja a sua duração, de “relacionamento de Nós puro”. Mas o “relacionamento de Nós puro” é, da mesma forma, limitador. O relacionamento social diretamente vivenciado na vida real é o relacionamento do Nós puro concretizado e atualizado, em maior ou menor grau, e dotado de conteúdo (1979, p. 182).

Já Olga informa que para ela “a relação militância e crescimento pessoal sempre teve muito interligada”. Participar de um Movimento, para ela, “desenvolveu até minha própria maneira de encarar a minha vida cotidiana”. Dos relatos depreendemos que existe um processo de desenvolvimento pessoal, em relação com o outro, que dentro do Levante é chamado de “acompanhamento”, que consiste na prática de militantes mais experimentados acompanharem os que chegam no Movimento no desempenho das tarefas. Para o Levante,

O acompanhamento é a arte de dilapidar o ser-social para que dele aflore um ser político. Ou seja, o método continua sendo o mesmo, o cumprimento de tarefas, mas ele é insuficiente sem o acompanhamento, porque esse é o único mecanismo capaz de garantir que uma tarefa seja cumprida com eficiência e que se torne de fato uma ação pedagógica. Uma tarefa bem cumprida gera confiança, desenvolve a vontade, desperta a intencionalidade e ensina a disciplina. Gera

confiança porque o militante começa a testar sua própria capacidade de resolver problemas e descobre que ele realmente é capaz de fazê-lo. Desenvolve a vontade porque nesse processo o militante descobre que a sua ação é a única coisa que está a seu alcance para alterar a situação dada. Desperta a intencionalidade porque a realização de uma tarefa é fruto de um ser consciente que não se perde nasidas e vindas do cotidiano. Ensina a disciplina porque para que o desejo se torne um fato é preciso domesticar a conduta pessoal (LEVANTE POPULAR DA JUVENTUDE, 2012d, p. 1).

Este acompanhamento se dá no campo da mediação das experiências formativas que é um dos elementos centrais de tais práticas e, por vezes, exige uma dedicação e esforço de quem acompanha, justamente por ter em vista o cuidado com quem chega e, até mesmo, com que já está a um certo tempo no movimento, mas que ainda precisa de uma atenção mas detida.

Do mesmo modo, a experiência formativa do acompanhamento busca mediar os níveis de motivação da militância para que se mantenham sempre animadas e animados, assim como, continuem encontrando sentido em se identificar com o movimento. Porque, como afirma Margarida: “a luta, o projeto de sociedade, ela exige sacrifícios”. Olga acrescenta: “é muito cansativo. Eu acho que toma muito das nossas vidas [...]Se você se coloca a esse desafio de transformar a sociedade, você tem que tá agindo o tempo todo”. É perceptível nas narrativas o quanto o esforço pessoal está presente na participação no Movimento e isso mostra o quanto as e os militantes do Levante se sentem responsáveis por contribuir com a transformação da sociedade.

Identificamos, portanto, que os processos formativos do Levante Popular da Juventude se dão numa prática em que o movimento identifica como de conscientização e libertação que implica em desenvolver com a juventude militante a superação da visão da realidade como algo natural e espontâneo, permitindo posteriormente a apreensão cognitiva/intelectual desta mesma realidade de forma que as/os militantes compreendam o processo histórico no qual se estruturou as condições dadas do “Eu”, “Tu” e “Nós” neste contexto de interações sociais, culturais, etc. (SCHUTZ, 1979). Neste sentido, os jovens passam a perceber que a transformação da sociedade se apresenta de forma concreta e alcançável.

Do mesmo modo, as práticas se constroem dialeticamente através do compromisso comportamental, intelectual/cognitivo, socioambiental e emocional dos/com indivíduos. Partindo desse pressuposto, o método apropriado pelo Levante propõe uma mudança de comportamento

dos militantes para que estes se sintam e possam ser vistos como sujeitos e não objetos, no processo de ensino/aprendizagem (práticas educativas) e interação, no qual estes jovens possam desenvolver atividades próprias do processo e construção do seu estar no mundo. A principal característica do método das práticas educativas e as experiências formativas é que estas se elaboram e se desenvolvem conjuntamente, onde as experiências individuais e coletivas são valorizadas, bem como as particularidades da linguagem de cada sujeito nas dimensões humana, técnica e política de cada um.

Considerações finais

As grandes manifestações que ocorreram no Brasil nos meses de junho e julho de 2013 puseram à tona não somente o cenário de caos vivenciado diariamente pela população brasileira no transporte coletivo das médias e grandes cidades; expuseram, de forma incisiva, a insatisfação de parcelas significativas do povo em relação ao sistema de educação, saúde, saneamento, moradia, desemprego e, também, pautas como a participação popular na democracia representativa e a carência de legitimidade dos eleitos nas esferas municipal, estadual e federal.

Nesse cenário, a juventude foi uma das grandes protagonistas dessas manifestações o que demonstra a relevância de conhecer, via narrativa desses protagonistas, a prática educativa no Levante Popular da Juventude. O que se aprende nesse Movimento e que norteia o comportamento social e político dos envolvidos passa pelo conhecimento crítico do cenário político e econômico, do país; pela organização em grupo para o enfrentamento, de questões sociais coletivas; pela formação de redes de relação com diferentes pessoas e interesses.

Entendendo as práticas educativas do Levante Popular da Juventude como uma ação que se enquadra na categoria de Educação não Formal, tais práticas são construídas de forma geral, abrangente e a partir de uma demanda coletiva. Todavia elas também assumem um caráter individual ao influenciar a maneira ou percepção como seus militantes se colocam para desenvolver mudanças significativas acerca de suas visões de mundo, com eles mesmos se inserindo no processo transformador.

Sendo assim, conclui-se que a participação no Movimento social Levante Popular da Juventude possibilita que os integrantes estejam imersos em práticas educativas não-formais

aprendidas nas atividades organizadas pelo Movimento, como atos de reivindicação, reuniões, formações políticas, acompanhamento por parte de militantes mais velhos, vivências, entre outras coisas, a partir de relações intersubjetivas que se estabelecem entre os participantes.

Referências

ALONSO, Angela. **As teorias dos movimentos sociais: um balanço do debate**. Lua Nova, São Paulo, 76: 49-86, 2009

AMADO, João (*et all*). **Manual de Investigação Qualitativa em Educação**. 1ª Ed. Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013.

ARAUJO, Alexandre Garcia. **Luz, câmera, escracho! O protagonismo e a ousadia da juventude na luta pelo direito à memória, verdade e justiça**. 2013. Monografia de conclusão de curso (Direito) – Departamento de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2013.

BRASIL. **Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. (1996)

CASTRO, Fábio Fonseca de. **A sociologia fenomenológica de Alfred Schutz**. Ciências Sociais Unisinos, São Leopoldo, Vol. 48, N. 1, p. 52-60, jan/abr 2012.

CONSULTA POPULAR. **Quem somos?** Disponível em:
<http://www.consultapopular.org.br/quem-somos>. Acesso em 25 fev 2017.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: Teoria e prática da libertação: Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. 3º ed. São Paulo: Moraes, 1980.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não-formal e cultura política**. 3ª Ed. São Paulo: Cortez, 2005.

_____. **Novas teorias dos movimentos sociais**. 5ª Ed. São Paulo: edições Loyola, 2014.

_____. **Movimentos sociais e redes de mobilizações no Brasil contemporâneo**. 2ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2010. 189 pg.

GOSS, Karine Pereira; PRUDÊNCIO, Kelly. **O conceito de movimentos sociais revisitado**. In: Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC. Vol. 2, nº 1 (2), janeiro-julho 2004, p. 75-91.

IASI, Mauro Luis. **Processo de Consciência**. São Paulo: CPV, 1999.

LEVANTE POPULAR DA JUVENTUDE. **Quem somos**. Disponível em:
<<http://sp.levante.org.br/p/opa.html>>. Acesso em: 22 fev 2017. (2012a)

_____. **Cartilha I Escola Nacional de Formação Política do Levante Popular da Juventude “Emerson Pacheco”**. Disponível em:
https://issuu.com/levantepopular/docs/escola_nacional_de_forma_o_web_. Acesso em 25 fev 2017. (2016)

_____. **Nota de solidariedade à família do companheiro Francisco Emerson (Pacheco)**. Disponível em: <http://levante.org.br/blog/?p=408>. Acesso em 25 fev. 2017. (2015a)

_____. **Desafios da formulação estratégica do Levante Popular da Juventude**. (2012b)

_____. **Cartilha Projeto Popular para Educação**. Disponível em:
<https://pt.slideshare.net/levantedajuventude/cartilha-14923825>. Acesso em 25 fev 2017. (2012c)

_____. **Política de acompanhamento de militantes**. (2012d)

SCHUTZ, A. **Sobre fenomenologia e relações sociais**. Edição e organização Helmut T. R. Wagner; tradução de Ângela Melin. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.